

Tudo isso baseado não em expectativas forjadas por discursos ilusionistas ou atos de prestidigitação, mas em avanços concretos nos campos da economia, da política, da ética, realizados com simplicidade, com autenticidade, mas com firmeza e em perfeita sintonia com os sentimentos e o interesse do povo brasileiro. Essas circunstâncias favoráveis, alvissareiras mesmo, não tornam menor seu desafio. Mas permitem que ele seja encarado em outro patamar. Por isso - e pelas qualidades que todos reconhecemos em Vossa Excelência - atrevo-me não só a augurar, mas a prever sua gestão e o Governo Fernando Henrique Cardoso serão marcados, também no plano externo, por grandes realizações, em benefício do Brasil, de seu povo e de uma ordem internacional mais justa e democrática.

**Discurso do Embaixador Luiz Felipe  
Lampreia por ocasião de sua posse como  
Ministro de Estado das Relações  
Exteriores, no Palácio Itamaraty, em  
02 de janeiro de 1995**

Quero agradecer ao Senhor Presidente da República a confiança com que me distinguiu ao indicar-me para o cargo de Ministro de Estado das Relações Exteriores. Diplomata de carreira, filho, neto e bisneto de diplomata essa é a maior honra a que eu jamais poderia aspirar. E ela se torna ainda maior pelo momento em que ocorre - um momento de expansão da alma brasileira, em que a confiança do país se renova e o futuro que sempre

nos prometemos parece mais próximo e seguro.

Encaro esta missão como a oportunidade sem paralelo de contribuir, do posto mais alto da nossa Chancelaria, engrandecido por tantos que me antecederam, para que o Itamaraty continue a desempenhar o papel de excelência que conquistou na administração pública brasileira, como paradigma de órgão do Estado.

Conhecendo o Presidente Fernando Henrique Cardoso e sabendo do seu entusiasmo pela política externa e do seu apreço pelo Itamaraty, essa indicação só pode dar-me um grande orgulho. Ao mesmo tempo, a familiaridade do Presidente com a diplomacia que exerceu no melhor estilo, com uma habilidade que cativou a todos nós, torna presente, em toda a sua extensão, a enorme responsabilidade que, agora ainda mais, o cargo traz consigo. Temos um Presidente que conhece a nossa instituições, suas virtudes e seus desafios, como nenhum outro Presidente na História do Brasil. A responsabilidade redobrada não é apenas do Chanceler, é de todos nós, diplomatas e funcionários desta Casa.

Aprendi a admirar ainda mais o Presidente Fernando Henrique quando tive a oportunidade de assessorá-lo, como Secretário-Geral. Foram tempos de mudança, tempos de grande criatividade e responsabilidade, que marcaram uma profunda alteração de rumos

no Brasil, na política externa como vetor do nosso projeto nacional e no Itamaraty como instituição. Tempos em que se resgatou a dignidade da função pública e o orgulho de vivermos em uma democracia que mostrou todo o seu vigor a nós mesmos e ao mundo; tempos em que tivemos de reconstruir a nossa projeção internacional enquanto recomeçávamos, no plano interno, a luta por um Brasil melhor, sob a condução honrada e dedicada do Presidente Itamar Franco.

E, no Itamaraty, foram tempos de uma aberta reflexão sobre os métodos de trabalho e a estrutura administrativa da Instituição, uma reflexão feita pelo colegiado da CAOPA, a Comissão cujas recomendações servirão de base para um necessário e urgente trabalho de renovação interna do Ministério das Relações Exteriores.

Ninguém melhor do que Fernando Henrique para estar então à frente do Itamaraty, a que imprimiu um ânimo novo, construído ou reforçando amizades sólidas entre nós, projetando-se ainda mais no plano internacional, em que já figurava como referência obrigatória nas ciências sociais e nos estudos latino-americanos, e estendendo o já amplo domínio que sempre teve sobre os temas que interessam à causa do nosso desenvolvimento econômico e social e de uma melhor inserção do Brasil no mundo.

Escolhido agora seu Chanceler, espero responder à altura a essa mostra de confian-

ça em mim, pessoalmente, e na instituição que com tanto orgulho represento.

Nos Chefes que ajudaram a minha formação, especialmente nas figuras de Antônio Francisco Azeredo da Silveira, Ramiro Guerreiro, George Álvares Maciel, Paulo Tarso Flecha de Lima e Ronaldo Costa, com quem tive o privilégio de trabalhar no Brasil e no exterior, e na pessoa sempre presente do meu pai, o Embaixador João Gracie Lampreia, que aqui homenageio com devoção e carinho, busco a inspiração e o exemplo para guiar-me no cumprimento desta responsabilidade que me impõe agora o Presidente Fernando Henrique.

Senhor Ministro Celso Amorim,

Agradeço muito sensibilizado as expressões de apreço e amizade que me dirigiu. Vindas do meu caro amigo Celso Amorim, cujas qualidades pessoais, intelectuais e profissionais eu sempre admirei, essas palavras cobram um sentido único de incentivo.

Substituir um colega na cadeira de Rio Branco tem um significado especial nos rituais do Itamaraty. O Presidente honrou mais uma vez a nossa instituição ao entregar a um profissional a sua condução, quando tinha todos os motivos - do seu próprio êxito como Chanceler à qualidade dos demais membros da sua equipe meticulosamente construída - para seguir um caminho diverso.

Esta passagem de cargo se fez, pois, com um sentido exemplar de continuidade e inovação.

De continuidade, porque exercerei meu cargo construindo sobre um patrimônio de realizações da gestão que hoje se conclui.

De inovação, porque é próprio do trabalho humano que se olhe para o futuro com a certeza de que as transformações são possíveis e com a coragem de vê-las como necessárias e mesmo urgentes: com a convicção de que o passado, ainda o mais recente, pode e deve servir de matéria-prima para o contínuo aperfeiçoamento das instituições humanas e da ação dos Governos e das sociedades.

A você, Celso, desejo todas as felicitações na sua nova e importante missão. Estou certo de que, em Nova York, você prosseguirá a contribuição expressiva que sempre trouxe ao Itamaraty ao longo da sua carreira. Seu êxito será parte do nosso próprio sucesso. Sei que interpreto o sentimento de todos os nossos colegas, seus amigos, ao manifestar o agradecimento, a você e aos seus colaboradores mais diretos, pelo expressivo trabalho e reconhecida dedicação neste ano e meio de realizações que já constituem um legado da nossa diplomacia e que saberemos utilizar e levar adiante em proveito do Brasil.

Senhoras e Senhores,

Em seu discurso de posse e em seu programa de Governo, o Presidente Fernando Henrique expôs uma visão do mundo e do Brasil e a forma como concebe o trabalho da

diplomacia brasileira sob a sua orientação. Esses são, a partir de agora, textos de referência obrigatória na concepção das estratégias e na ação do Itamaraty. Nesses textos e em outras ocasiões em que tratou da política externa do seu Governo, o Presidente deu-nos diretrizes claras. Essas diretrizes emanam da sua própria concepção do desenvolvimento brasileiro e do papel que ele vê para o seu mandato na consolidação da estabilidade econômica e na retomada do crescimento em bases sustentáveis e com justiça e equidade.

A política externa será assim o resultado de uma visão orgânica do mundo e do Brasil, em plena sintonia com um projeto de Governo que recebeu o mais consagrador dos avals, o mandato outorgado pelo expressivo sufrágio popular que elegeu o Presidente.

O Brasil inaugura este quadriênio de Governo com uma nova projeção internacional, graças à combinação da estabilidade em consolidação com a retomada do crescimento em patamares compatíveis com as nossas necessidades e aspirações. Temos agora condições não apenas de aprofundar nossos vínculos regionais, a partir do Mercosul, mas também de ver nos pólos dinâmicos da economia mundial - a América do Norte, a União Européia e a Ásia Pacífico - as parcerias que podemos aprimorar e desenvolver.

É certo que temos ainda de lidar com muitos constrangimentos próprios de uma sociedade injusta, como a violência, a má

distribuição social e regional de renda, o analfabetismo, a doença, a baixa qualificação profissional de uma grande massa de trabalhadores. Esses constrangimentos marcam de forma profunda a nossa agenda interna e a nossa agenda internacional. A diplomacia só será eficiente se tiver uma visão realista do país, de seus acertos e de seus problemas. Melhorar as condições da nossa inserção internacional é um instrumento básico no processo de transformação qualitativa da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que essa transformação qualitativa será uma alavanca fundamental para a melhoria do padrão dessa inserção externa do Brasil.

Temos agora um conjunto novo de qualificações que nos cabe explorar, projetar e desenvolver, expandindo um patrimônio sem temor de inovar, sem receio de atualizar métodos, concepções e estratégias onde couber.

Graças a um esforço dos próprios brasileiros, consolidamos nossa democracia, abrimos nossa economia em condições de competitividade e conquistamos a estabilidade da nossa moeda, ao mesmo tempo em que retiramos da agenda de prioridades brasileiras o penoso item representado pela dívida externa.

Ao contrário do que poderiam apontar os que consideram precipitada ou irrefletida a maior exposição da nossa economia à competição internacional, a indústria brasileira dá

mostras de responder adequadamente ao desafio. Em 1994, em uma situação de plena abertura de mercado, o carro-chefe da nossa industrialização, o setor automobilístico, dobrou a produção em relação a 1992.

Contamos com uma auto-confiança que há muito não se via no país, com a diferença de que hoje as razões objetivas para esse sentimento são sólidas e duráveis. Com a estabilidade política e econômica do Brasil, produto do nosso próprio esforço, demos uma contribuição decisiva para que a América Latina de fato passasse a guiar-se majoritariamente pela duas forças que conduzem o mundo do pós-Guerra Fria: a democracia, de que são corolários a transparência de objetivos e a qualidade das intenções dos Governos e sociedades tanto no plano interno quanto no plano internacional, e a liberdade econômica com preocupação social. E, graças a um consenso interno pacientemente construído, embora ainda em vias de consolidar-se, removemos um dos últimos sinais negativos que marcaram as considerações sobre o Brasil nos últimos anos - a noção de que éramos incapazes de combater a inflação e arrumar a casa em nosso próprio benefício.

Somos um grande país, com tradição de crescimento e uma longa história de participação, muitas vezes protagônica, na construção da convivência internacional e regional. Estamos engajados em parcerias internacionais que ampliam a nossa presença no

mundo e melhoram as condições para alcançarmos melhores resultados econômicos e sociais. Somos um “mercador global” e um “ator global”, mas essas qualidades não devem induzir-nos à inércia, nem tolher-nos a criatividade, porque há espaços a ocupar, há uma competição saudável em curso e podemos melhorar ou alterar nosso desempenho.

Com a economia mais aberta, consequência de um processo refletido de maior exposição à competição internacional em benefício dos consumidores brasileiros e da nossa própria competitividade, temos melhores condições de buscar e mesmo exigir acesso mais desimpedido ao mercado internacional e práticas leais e transparentes em matéria de comércio, transferência de tecnologia e investimentos.

Temos uma agenda interna mais definida, com a atenção posta no crescimento e na busca de maior equidade social e na qual as reformas assumem prioridade porque têm uma função a cumprir na consolidação da estabilidade na retomada do crescimento com mais justiça social. Nossos compromissos em matéria de direitos humanos, proteção ambiental, combate à criminalidade e ao narcotráfico e proteção das minorias dão-nos um vigor novo para lidar com uma agenda renovada no plano externo, buscando parcerias, a cooperação e o diálogo construtivo necessários para avançar essa agenda internamente.

Somos mais confiáveis e temos mais credibilidade internacional, porque soube-mos, ao seu próprio tempo e sem comprometer princípios ou sacrificar visões de longo prazo em favor de benefícios conjunturais duvidosos, fazer as alterações de política que melhor respondiam às mudanças em curso no mundo, no nosso Continente e no próprio país. E essas alterações prosseguirão, como tem apontado o Presidente Fernando Henrique, reforçando nosso capital político e nosso instrumental de atuação.

Somos vistos como um ator importante, mas que soube atualizar-se e que desperta interesse e atenção em nossos parceiros e nos agentes econômicos dos pólos dinâmicos da economia mundial. Temos uma projeção internacional muito significativa, que deve traduzir-se cada vez mais em uma presença ativa e produtiva em todos os lugares e acontecimentos que importam, indo além da simples presença de representante diplomático permanente ou do formalismo das relações entre Chancelarias.

Pelas próprias dificuldades, até mesmo materiais que vinham tolhendo nossa projeção externa, há áreas em que estamos apenas começando a explorar o potencial de relacionamento que passaram a oferecer - áreas relativamente novas para nós, como a Ásia-Pacífico e partes da extinta União Soviética, ou áreas virtualmente recuperadas para um convívio internacional mais produ-

tivo e em que temos que refazer a nossa presença como o Oriente Médio ou a África do Sul pós-*apartheid*.

Graças ao Mercosul, que a partir de ontem constitui a realidade palpável de uma união aduaneira, contamos, como Nação, com um reforço substancial da nossa própria circunstância, da nossa identidade. Nossa personalidade jurídica e política internacional se ampliou, nossa dimensão latino-americana se fortaleceu, nossa parceria com os vizinhos ganhou contornos decisivos, ancorada em sólidas relações comerciais que já fazem do Mercosul nosso terceiro parceiro comercial, depois da União Européia e dos Estados Unidos, com cerca de 13% do nosso comércio externo.

E o potencial da participação do Brasil em outros esquemas ampliados de integração regional, na América do Sul e no conjunto do Hemisfério, nas bases assentadas recentemente na Cúpula de Miami, dá a medida do perfil novo que se desenha para o Brasil em sintonia com as transformações que marcam o cenário internacional contemporâneo e que constituem marcos novos e catalisadores importantes para a nossa diplomacia.

Nesse panorama de renovação do Brasil e de consolidação de novas credenciais para operarmos no plano externo, contamos com um Presidente que tem uma manifesta disposição de estar à frente da política externa, participando intensamente da diplomacia de

Chefes de Estado e Governo que é a marca das relações internacionais contemporâneas e uma característica particularmente importante da diplomacia hemisférica.

Por suas qualidades de intelectual e cidadão do mundo, nosso Presidente nos dá condições de participação e acesso inigualáveis no diálogo de alto nível. Jamais em toda a História do Brasil o Itamaraty terá contado com uma circunstância comparável para a execução da política externa.

Senhoras e Senhores,

A diplomacia opera a ponte que liga a Nação ao mundo. Ao Itamaraty, em permanente diálogo com a sociedade, cabe estar na linha de frente da compreensão da verdadeira natureza das transformações que estão ocorrendo no cenário internacional, trazendo oportunidades e desafios.

Temos uma conjunção de fatores favoráveis nunca vista:

- a retomada do crescimento nos países desenvolvidos, ainda que a taxas modestas;
- uma América Latina que tem crescido com abertura comercial e estabilidade econômica na qual nos reacomodamos plenamente, com evidentes vantagens mútuas;
- o fim da confrontação ideológica e o encaminhamento da solução de velhos e persistentes focos de conflito que afe-

tavam regiões potencialmente ricas e promissoras para o intercâmbio internacional, como o Oriente Médio, Angola e a República da África do Sul.

- a preeminência, também no cenário internacional, de valores caros ao povo brasileiro, como a democracia, as liberdades individuais e o respeito aos direitos humanos, e a evidência de que, apesar de retrocessos localizados, o mundo está engajado em um processo de crescimento da civilização e de melhoria das relações entre os Estados;
- a conclusão bem-sucedida da Rodada Uruguai, na qual tive a grande honra de ser o negociador pelo Brasil, e que se corporifica na implantação da Organização Mundial de Comércio; consolidou-se assim o multilateralismo no comércio internacional de bens e serviços, em um processo no qual o Brasil teve um papel relevante, atuando como elemento facilitador nas negociações, na busca de um consenso construtivo. Contribuímos, assim, para que se atualizassem e se universalizassem regras fundamentais para que os países possam lidar de forma leal, transparente e eficaz com o fenômeno da globalização da economia e com a crescente competitividade entre as economias e os agrupamentos regionais;
- a própria convivência harmoniosa entre o fortalecimento do multilateralismo

sob a égide da OMC e a realidade dos processos de integração regional;

- a criação e a operação de novos foros e coalizões, em obediência a forças de agregação diferentes daquelas tradicionalmente geradas pelas clivagens Leste-Oeste e Norte-Sul, impondo escolhas para os Estados e políticas novas para retirar desses exercícios o melhor proveito.

É um cenário basicamente positivo, talvez dos mais positivos com que poderíamos contar, ainda que muitas alterações se imponham para que se democratize o processo decisório e sobretudo para que se distribuam melhor os frutos do progresso material científico e tecnológico entre os povos do mundo. No mundo de hoje, o poder cada vez mais se mede por outros fatores que não o poderio estratégico e militar.

Países e povos que dominam a agenda econômica internacional e avançam em progresso material, bem-estar social e, sobretudo, nível e qualidade de emprego, mostram caminhos claros para o desenvolvimento e para uma melhor inserção internacional: a competitividade, o acesso a mercados, o acesso desimpedido a tecnologias avançadas, a abertura aos investimentos, o nível educacional e técnico da mão-de-obra, o investimento em ciência e tecnologia, a capacidade de promover no exterior a marca de qualidade da sua produção, a habilidade de estar à frente na criação e comercialização de novos pro-

dutos e serviços. A essas qualidades, soma-se a formação de novas parcerias operacionais, que transcendam o diálogo político para situar-se na esfera dos resultados práticos em termos de comércio, investimentos, geração de empregos, ampliação da escala das economias, transferência de conhecimentos e tecnologia.

Um processo decisório mais ágil e descentralizado caracteriza as relações internacionais de hoje, que se definem cada vez mais como um jogo feito em diversos tabuleiros, mais aberto à participação dos países, mesmo que em condições menos vantajosas de saída, desde que se conte - a exemplo do que nós estamos crescentemente fazendo - com as capacidades adequadas. A melhor inserção do Brasil nesse processo decisório - e portanto a escolha refletida das instâncias de que podemos e devemos participar - é um desafio que alcança hoje a dimensão de imperativo, especialmente porque as escolhas pressupõem a capacidade de não promover exclusões.

Senhoras e Senhores,

O papel da diplomacia brasileira e particularmente do Itamaraty é o de coadjuvar os esforços do Brasil por uma nova inserção internacional, que responda de forma adequada e produtiva à inédita combinação de fatores positivos e de desafios nos planos interno e internacional.

Nossos objetivos são claros:

- ampliar a base externa para a consolidação da estabilidade econômica e a retomada do desenvolvimento em forma sustentável e socialmente equitativa, abrindo mais e melhores acessos aos mercados, ajudando a proteger a nossa economia de práticas desleais de comércio, atraindo investimentos e tecnologia, melhorando as condições de acesso ao conhecimento;
- melhorar o padrão das relações do Brasil com seus parceiros, alargando o leque dessas parcerias operacionais e diversificando o relacionamento;
- dar ênfase à cooperação internacional que nos permita melhorar nossa competitividade e produtividade e que nos auxilie a progredir no tratamento de temas, como direitos humanos, proteção ambiental, combate ao narcotráfico e ao crime organizado, que figuram em lugar de destaque na nossa agenda interna e na agenda internacional; e
- buscar uma maior e mais adequada participação no processo decisório regional e mundial, tanto nos foros políticos como nos foros econômicos.

Com esses objetivos em mente, o Presidente Fernando Henrique pediu-me que



acompanhasse com atenção especial alguns temas que adquirem sentido de premência e de particular importância em seu projeto de Governo. Listo-os de forma não exaustiva, sem que essa necessária priorização signifique qualquer diminuição da importância relativa de outras áreas que compõem o conjunto de uma política externa que se quer universal e ativa:

- o processo de consolidação do Mercosul e sua eventual ampliação com a incorporação de novos parceiros;
- as relações com nossos vizinhos latino-americanos e o processo de integração hemisférica, especialmente a partir do aprofundamento das relações com a América do Sul;
- as relações com o centro dos três pólos de poder econômico mundial, os Estados Unidos, a União Européia e o Japão;
- as relações com a região da Ásia-Pacífico, com especial atenção aos novos parceiros emergentes na região, integrantes da ASEAN;
- as relações com os três países continentais, a China, a Rússia e a Índia;
- as relações com nossos parceiros econômicos tradicionais na África, acrescidos agora da África do Sul pós-*apartheid*;
- a Organização Mundial de Comércio e a operacionalização dos resultados da Rodada Uruguai;
- a proteção internacional dos direitos humanos e o diálogo construtivo com Organismos Internacionais e Organizações Não-Governamentais sobre o assunto;
- a proteção ambiental, a cooperação para o desenvolvimento sustentável e muito particularmente o cumprimento dos compromissos assumidos, no mais alto nível, por ocasião da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento;
- a reforma das Nações Unidas;
- os foros políticos e econômicos de consulta e concertação de que o Brasil faz parte ou tem interesse em integrar, como o Grupo do Rio, a OCDE, o Grupo dos 15, a Conferência Ibero-Americana e a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa;
- o desenvolvimento das relações fronteiriças com nossos vizinhos;
- a proteção e a assistência aos brasileiros no exterior; e
- a adequação da estrutura da nossa diplomacia, na Secretaria de Estado e no exterior, na busca de mais eficiência e maior presença para fazer face aos desafios representados pela necessidade de avançar em todas essas e em outras

áreas de interesse da diplomacia brasileira.

É um projeto ambicioso, mas responde ao imperativo de sermos um instrumento eficaz de um projeto de Governo comprometido com um substancial progresso econômico e social do país e com uma mudança qualitativa nas formas de operar do Estado brasileiro.

Sei também que o Itamaraty se renova a cada desafio, porque tem em seus quadros, permanentemente sintonizados com o mundo, a força que vem da experiência do profissionalismo e do orgulho de servir.

Nosso patrimônio diplomático está-se enriquecendo com o exercício regular do diálogo com a sociedade civil, através dos sindicatos e associações de classe, dos partidos políticos e do Congresso, dos formadores de opinião, do empresariado, dos meios acadêmicos, das Organizações Não-Governamentais, dos Governos dos Estados e dos Municípios. Democracia e federalismo são hoje vetores da formulação e da ação diplomática. Quero contribuir para aprofundar ainda mais esse processo de consolidação de uma diplomacia pública, que tanto nos beneficia. Quanto maior a transparência e a capilaridade do processo de formulação e implementação da nossa diplomacia, melhor estaremos respondendo aos anseios nacionais em relação ao mundo exterior.

Quando fui Secretário-Geral, procurei ser, como todos, um profissional a serviço do interesse do país, um trabalhador tão dedicado quanto os funcionários mais modestos ou o colega mais novo e cheio de entusiasmo pela carreira. Agora que volto para ocupar o posto mais alto do Itamaraty, nada mudou em minha forma de ser. Juntos mais uma vez, estamos novamente a serviço do mesmo Chefe, o Presidente Fernando Henrique, que tanto fez e tanto fará pelo nosso Itamaraty.

Sei que posso contar com todos, meus colegas e funcionários, próximos de mim ou no mais distante posto no exterior. Nossa Casa só pode ser a soma do que nós somos. Quero diálogo e participação e por isso instruí meus colaboradores e toda a Chefia da Casa a buscar idéias novas, a conversar com os que estão na linha de frente do trabalho diplomático ou, nas divisões e departamentos da Secretaria de Estado, lidam diretamente com os temas, refletindo sobre eles com o conhecimento mais aprofundado e identificando melhor, por isso mesmo, os problemas, os gargalos que tolhem nossa ação e prejudicam nossa eficiência.

Amanhã, ao dar posse ao novo Secretário-Geral, ampliarei minhas idéias sobre a gestão da Casa.

No Itamaraty, o tempo é marcado pelo relógio do continuado iniciar de novas mis-

sões. O cargo de Ministro das Relações Exteriores, que agora assumo, é a maior missão que já recebi. Aceitei-o como uma missão de todos nós.

Por isso mesmo, como um piloto que assume o leme da nau, sinto-me à vontade para

conclamar a todos, desde já, para juntos fazermos esta travessia em que o mar é desafiador, mas a marinhagem é experiente e o nosso comandante, que também já foi piloto, conhece seus caminhos.

Muito obrigado.

